



**Boletim do**

# **Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional**

Publicação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional  
Versão em Português | Nº 42 - dezembro de 2025

**R\$ 5**

**Agrava-se a crise mundial**

**Resolução do CERQUI sobre a  
América Latina**

**Estados Unidos ameaçam  
derrubar o governo chavista  
de Nicolás Maduro**

**Defesa incondicional da  
Venezuela**

**Organizar a frente única  
anti-imperialista**

**Pelos Estados Unidos Socialistas da  
América Latina!**

**Reconstruir o Partido Mundial  
da Revolução Socialista, a IV  
Internacional!**

## ÍNDICE

1. Apresentação .....	3
2. Resolução sobre América Latina .....	5
3. Ruptura da Organização Comunista Internacionalista (OCI) com a Internacional Comunista Revolucionária (ICR) .....	9
4. EEK – 90 anos do POR .....	14
5. POR/Argentina- 40 anos do EEK .....	15
6. O IV Encontro Leon Trotsky foi realizado em Assunção, Paraguai .....	16
7. Pronunciamento do POR - Bolívia .....	17
8. Pronunciamento do POR - Argentina .....	18
9. Pronunciamento do POR - Brasil .....	19

## Apresentação

O ritmo da crise mundial do capitalismo se mantém acelerado. Há uma combinação de conflitos e guerras em curso sem que as partes encontrem pontos de convergência para ao menos amenizar sua potencialização e explosividade. O fator fundamental dessa tendência catastrófica se encontra na ofensiva internacional do imperialismo norte-americano.

O acirramento da guerra comercial traçada por Trump e a escalada bélica se entrelaçam e se projetam em toda a parte. A paz do cemitério ditada à Faixa de Gaza e a retomada do plano de paz para a guerra na Ucrânia não têm sido capaz de desacelerar o ritmo da crise. Ao contrário, seus fracassos expõem as raízes mais profundas da crise mundial, que se encontram na potente contradição entre as forças produtivas altamente desenvolvidas e as relações capitalistas de produção, bem como entre aquelas e as fronteiras nacionais. Eis por que no centro da crise mundial se acha a guerra comercial dos Estados Unidos com a China, que emergiu como potência econômica rival embalada por reformas pró-capitalistas.

A política ofensiva e generalizada de Trump de defesa nacional foi traçada e tem sido desenvolvida passo a passo no sentido da confrontação com a China, de forma que envolve todos os quadrantes da economia mundial. A necessidade de equacionar, ainda que provisoriamente, a intervenção de Israel na Faixa de Gaza - que movimentou e ainda movimenta as placas tectônicas no Oriente Médio - e encontrar uma via para estancar a guerra na Ucrânia - que também movimentou as placas tectônicas na Europa -, no sentido de concentrar forças no objetivo de quebrar a espinha dorsal da China, esbarra na contradição entre as forças produtivas e as relações de produção.

A emergência da China como potência econômica não fez senão alimentar choques econômicos que pareciam ter sido banidos após a Segunda Guerra Mundial, a sedimentação da hegemonia norte-americana e, finalmente, a derrocada do Leste Europeu e liquidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esse período tão louvado pelos agentes do imperialismo deu lugar à retomada da crise mundial em um patamar que se vislumbra no horizonte uma possível guerra dos Estados Unidos com a China.

É sintomático que, da reunião dos representantes de Trump - Steve Wikoff e Jared Kushner - com Putin, no Kremlin, o resultado tenha sido a acusação da Rússia de que os europeus não estão por um "programa de paz" e sim "do lado da guerra". Os interesses

do imperialismo europeu nem sempre coincidem com os dos Estados Unidos. No entanto, há uma unidade no sentido da escalada militar e da preparação de uma guerra com a Rússia e China.

No Oriente Médio, parte da burguesia europeia afirma reconhecer o Estado palestino, mas de conjunto apoia a paz do cemitério de Trump. O imperialismo esteve unido recentemente na ONU para aprovar o intervencionismo na Faixa de Gaza e a liquidação da resistência palestina. O grave está em que a China e Rússia se abstiveram na reunião do Conselho de Segurança. Com o apoio da maior parte dos Estados árabes, o plano de paz de Trump vai se impondo e o Estado sionista de Israel continua com liberdade para continuar com o intervencionismo e a matança.

No extremo oriente da Ásia, os Estados Unidos incentivam e pressionam o rearmamento do Japão claramente voltado contra a China. O anúncio de que o Estado japonês pretende instalar mísseis na ilha de Yonaguni, cuja base é próxima de Taiwan, avivou a corrida armamentista e obrigou a China a responder com ameaças militares.

Cresce a instabilidade na África. Os Estados Unidos continuam como a maior força externa militar no continente. Estima-se 34 bases militares norte-americanas. A região do Sahel vive conflagrada e marcada pelo intervencionismo dos Estados Unidos, cuja doutrina do antiterrorismo oculta as ações militares de dominação imperialista. Mas a instabilidade é generalizada. O declínio da colonização europeia e o aumento da presença norte-americana passaram a expressar novos conflitos diante do avanço de relações econômicas com a China, que se tornou o maior polo comercial com a África. Agravaram-se as lutas internas nos países africanos, bem como potenciaram os embates regionais. A Rússia não deixa de ser importante nesse marco, mas está longe de ter o peso da guerra comercial dos Estados Unidos com a China, que inevitavelmente atinge também o continente africano. Entre 2020 e 2023, ocorreram sete golpes de Estado. Recentemente, Madagascar e Guiné-Bissau dão continuidade a essa conflituosa disputa de grupos econômicos locais e militares pelo poder. Em sua base, se encontram os interesses do grande capital. Há que se observar que nas entranhas das confrontações se acha a rebelião das nações oprimidas contra o colonialismo opressor. De forma direta ou indireta, os povos africanos se deparam com os objetivos anti-imperialistas de soberania nacional e de unidade das nações africanas.

**A movimentação do governo Maduro em defesa da Venezuela, organizando uma força de resistência armada, deve ser apoiada pelos operários, camponeses e classe média arruinada da América Latina. O problema da resposta anti-imperialista na Venezuela está em que a classe operária e a maioria oprimida não contam com um programa e uma política revolucionária próprios.**



O cerco militar dos Estados Unidos à Venezuela, que inclui a Colômbia, objetiva claramente derrubar o governo chavista de Nicolás Maduro. Trump pode ir às últimas consequências em sua política de bloquear o expansionismo econômico da China, que também vem ganhando força nas últimas décadas no continente latino-americano. Das sanções econômicas e das ações políticas eleitorais, o imperialismo norte-americano passa ao poder das armas, deslocando uma poderosa frota e um contingente de fuzileiros navais para o Mar do Caribe. O ultimato dado ao governo venezuelano assinala a disposição de Trump de atacar a Venezuela em nome da farsa do combate ao narcoterrorismo.

A divisão e o alinhamento da maior parte dos países latino-americanos à diretriz norte-americana são fatores decisivos que encorajam Trump de apontar as armas para a Venezuela, bloquear seu espaço aéreo e apresentar ao seu governo as alternativas de fuga ou derrocada pelas armas. O governo Lula, que tem comparecido como não-alinhado automático aos Estados Unidos, distintamente do governo Milei da Argentina, tende a se adaptar às pressões de Trump, uma vez que a burguesia brasileira histórica e economicamente se acha visceralmente atada ao imperialismo norte-americano.

A movimentação do governo Maduro em defesa da Venezuela, organizando uma força de resistência armada, deve ser apoiada pelos operários, camponeses e classe média arruinada da América Latina. O problema da resposta anti-imperialista na Venezuela está em que a classe operária e a maioria oprimi-

da não contam com um programa e uma política revolucionários próprios. Essa mesma contradição se manifesta nos países latino-americanos, ainda que com particularidades e graus distintos. Está demonstrada pela experiência histórica que as burguesias nacionais são incapazes de pôr em marcha um movimento anti-imperialista consequente. Essa luta passou inteiramente para a classe operária e os demais explorados.

A crise de direção explica por que os Estados Unidos recorrem ao cerco à Venezuela de forma destemida e provocadora. Não pode haver a menor dúvida, no entanto, que nas entranhas dos explorados do continente estão presentes os instintos de revolta gestados e fermentados pela pobreza, miséria e discriminações de toda a sorte. A resistência das massas venezuelanas deve ser apoiada e fortalecida com a resistência anti-imperialista em nossos próprios países.

A organização da frente única anti-imperialista é a condição para emancipar a maioria oprimida da dominação das burguesias nacionais e da opressão imperialista exercida sobre as nações oprimidas.

Essa é a diretriz do Boletim do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), cuja resolução foi discutida por sua direção. Acentuamos a questão estratégica da crise de direção, da necessidade de construir os partidos-programas marxista-leninista-trotskistas e de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

3 de dezembro de 2025

Direção do CERQUI



## Resolução sobre a América Latina

1. O agravamento da crise econômica, política e social na América Latina é parte da decomposição do capitalismo mundial e da necessidade das potências imperialistas norte-americanas e europeias de ampliarem os saques às nações oprimidas.
2. O plano de Trump para a América Latina se assenta na guerra comercial dos Estados Unidos com a China, que envolve a economia mundial.
3. A intervenção dos Estados Unidos no Panamá e, em seguida, o cerco montado no Mar do Caribe e Pacífico contra a Venezuela e Colômbia, as iniciativas de reativação de bases militares e a orientação do Comando Sul de reforçar sua presença na região correspondem à escalada militar que vem sendo impulsionada mundialmente.
4. Os bombardeios contra embarcações venezuelanas e colombianas sob a alegação de combate ao “narcoterrorismo” são prenúncios de que o imperialismo poderá atacar diretamente o território venezuelano.
5. Trump não oculta seu objetivo de derrubar o governo de Nicolás Maduro, valendo-se da farsa orquestrada em torno à defesa nacional dos Estados Unidos, que supostamente estariam sendo ameaçados pelo “narcoterrorismo”.
6. A Venezuela tem sido epicentro das ações imperialistas dos Estados Unidos na América Latina devido ao protecionismo nacionalista implantado pelo governo de Hugo Chávez, desde que assumiu o governo em 1999, realizando estatizações, principalmente das reservas petrolíferas, e chegando a proibir os Estados Unidos de se valerem do Departamento Antidrogas para realizar voos sobre o país.
7. Os Estados Unidos, nesses 26 anos de vigência do chavismo, sistematicamente intervieram na política interna da Venezuela para derrubar o governo, apoiando as oposições pró-imperialistas e, inclusive, organizando tentativas de golpe, a exemplo do que ocorreu em abril de 2019, liderada pelo opositor Juan Guaidó, que se autoproclamou presidente e foi reconhecido como tal pelo imperialismo.
8. O governo venezuelano procurou se adaptar às pressões dos Estados Unidos, permitindo que empresas estrangeiras participassem da exploração do petróleo, como é o caso da Chevron, mesmo assim o imperialismo manteve sanções para quebrar a economia do país.
9. Chávez e Maduro com a ideologia do “Socialismo do Século XXI” jamais atentaram contra a propriedade privada dos meios de produção, a exploração capitalista do trabalho e o poder da burguesia nacional, mas se chocaram com os ditames do imperialismo, sobrepostos ao Estado nacional.
10. A oposição, liderada por Maria Corina Machado, exortou a intervenção dos Estados Unidos para derrubar o governo Maduro, numa clara demonstração de impotência política e de servilismo.
11. O chamado de Corina procura dar uma perspectiva interna à ação externa do imperialismo e potencializar o apoio de governos alinhados com os Estados Unidos e de frações burguesas latino-americanas que defendem interesses oligárquicos.
12. Os países governados por partidos que apregoam a soberania nacional, como é o caso do Brasil, continuam profundamente vinculados à dominação norte-americana, de forma que a Venezuela não tem como contar com o apoio de uma resistência anti-imperialista impulsionada por uma fração das burguesias nacionais.
13. A defesa incondicional da Venezuela somente se materializará por meio da ação da maioria oprimida, e, portanto, da luta de classes dirigida pelo proletariado, a começar pelo próprio povo venezuelano.
14. Os Estados Unidos contam com a desorganização da classe operária, dos camponeses e dos demais oprimidos da classe média na Venezuela e no restante da América Latina, para avançar seu plano de militarização e ações contra governos de caráter nacionalista.
15. Essa constatação exige da vanguarda com consciência de classe e do destacamento mais avançado do proletariado que se coloquem sob a bandeira de defesa incondicional da nação oprimida, mobilizando e organizando a frente única anti-imperialista, como tática voltada ao amadurecimento das condições que favoreçam a estratégia programática da revolução social.
16. A situação geral da América Latina é convulsiva, embora as contradições e choques econômicos e políticos, bem como o desenvolvimento da luta de classes, tenham particularidades que se distinguem em cada país e se manifestam em diferentes ritmos.
17. Os organismos internacionais da burguesia reconhecem que o crescimento econômico tem sido baixo e tende a cair no próximo ano, o que recrudescerá ainda mais a crise social, acentuando o desemprego, o subemprego e a informalidade, que afetam milhões de trabalhadores, principalmente a jovem força de trabalho.
18. O endividamento dos Estados nacionais, a baixa e desigual industrialização, a tendência à desindustrialização nas economias mais avançadas e o predomínio das exportações de produtos primários e minerais distanciarão ainda mais os países latino-americanos entre si e em relação às potências dominantes.
19. As forças produtivas latino-americanas são obstaculizadas pelo controle dos monopólios e do capital financeiro que exploram e condicionam o desenvolvimento econômico e social do continente, chegando ao ponto de bloquear a industrialização elementar da maior parte dos países.
20. O imperialismo norte-americano e europeu alimenta as divisões e os conflitos entre os países



latino-americanos para melhor se impor e dominar, de forma que nenhuma nação atacada pode contar com o apoio e defesa mútuos, basta ver a recente imposição ao Panamá em torno ao controle do Canal e o exemplo mais distante da guerra das Malvinas em 1982 pela Inglaterra, cuja solidariedade efetiva do Peru com a Argentina foi punida sob o governo de Menen, por ordem dos Estados Unidos, com o envio de armas desde a Argentina ao Equador para enfrentar o Peru.

21. O fator novo que tem levado os Estados Unidos a reerguerem a bandeira da Doutrina Monroe, sob o governo Trump, é a ascensão econômica da China restauracionista e o crescimento exponencial de sua influência na América Latina, a ponto de o imperialismo norte-americano intervir no Panamá para afastar a influência chinesa.
22. As novas tecnologias puseram em destaque as fontes de matérias-primas – terras raras, lítio, cobalto, níquel etc. - fundamentais para as cadeias de energia, que sustentam os novos componentes industriais das baterias, painéis solares, turbinas eólicas, carros elétricos e componentes do complexo militar, sendo que o Brasil, Chile, Argentina e Bolívia são reconhecidamente os detentores da maior parte das reservas mundiais desses materiais.
23. Em particular, os países latino-americanos que são cobertos pela floresta Amazônica ganham maior projeção diante das necessidades de exploração das riquezas naturais e minerais, cuja ambição de controle pelos Estados Unidos é de ordem histórica, agravando-se com a penetração dos capitais chineses no continente, de forma que a guerra comercial abriga a escalada militar impulsionada pelos Estados Unidos e envolve grandes interesses do imperialismo europeu.
24. Tudo indica que o estágio atual da crise latino-americana assinala a perspectiva de uma confrontação militar dos Estados Unidos com a China, sendo que a política exterior de Trump de defesa da hegemonia norte-americana caminha no sentido do isolamento de seu principal adversário, em várias partes do mundo.
25. A guerra de tarifas que atingiu principalmente o Brasil, na América Latina, funciona como um instrumento para enfraquecer e romper o entrelaçamento econômico com a China, que, por sua vez, se vale do BRICS para estreitar suas relações com países que já não podem arcar com os ditames dos monopólios e do capital financeiro dos Estados Unidos.
26. A velha disputa eleitoral entre a direita e a esquerda burguesas, no momento, está marcada e impulsionada pela intervenção dos Estados Unidos no sentido de fortalecer o alinhamento contra a China, voltado ao objetivo de Trump de derrubar pela força o governo da Venezuela, e de criar as condições para a substituição do governo Lula nas eleições de 2026.
27. O imperialismo norte-americano conta a seu favor com a debilidade e o fracasso dos governos nacional-reformistas ou pseudo-reformistas, que no final das contas se submeteram ao grande capital e promoveram as contrarreformas antinacionais e antipopulares.
28. Trump vem se utilizando do governo ultradiretista de Daniel Noboa, presidente do Equador, para a consecução de sua política anti-imigrante e para promover o intervencionismo na América do Sul, sob a alegação do combate ao narcotráfico, sendo que Noboa foi levado ao poder nos marcos da decomposição do governo nacional-reformista de Rafael Correa e de seu sucessor Lenin Moreno; Noboa recentemente acaba de ser derrotado massivamente no referendo que pleiteava a reinstalação de bases militares dos Estados Unidos.
29. Nas eleições de Honduras, o empate entre o candidato de direita Salvador Nasralla e o de ultradireita Nasry Asfura conta com a interferência direta de Trump, que exige que os hondurenhos coloquem no poder Asfura, caso contrário, os Estados Unidos cortarão a “ajuda” financeira, sendo que o presidente norte-americano aproveitou para conceder o indulto ao ex-presidente, Juan Orlando Hernández, condenado a 45 anos de prisão pela Justiça norte-americana, sob a acusação de vínculo com o narcotráfico, de forma que a candidata considerada de esquerda Rixi Moncada foi derrotada como expressão do descontentamento da população que fez a experiência com a política nacionalista representada pelo ex-presidente Manuel Zelaya, deposto por um golpe em 2009, e reconduzido ao poder na figura de sua mulher Xiomara Castro eleita em 2021, processo esse que indica a urgente necessidade dos explorados se colocarem pela soberania do país e formarem o seu partido revolucionário.
30. Na Argentina, a derrocada da política econômica do peronista Alberto Fernández, depois de prometer corrigir os desastres provocados pelo governo diretista de Mauricio Macri, deu lugar à ascensão ao aventureiro Javier Milei, que alinhou o país à política de Trump e aplicou um plano francamente antinacional, antioperário e antipopular, tendo para isso de reprimir duramente a resistência dos explorados.
31. Depois de mais de vinte anos do governo do MAS, que se mascarou de nacional-reformista, a ultradireita retoma o poder na Bolívia por meio das eleições, acenando um alinhamento com os Estados Unidos e indicando colaborar com as ações imperialistas de Trump acobertadas pela guerra ao narcoterrorismo.
32. Em 14 de dezembro, ocorrerão as eleições presidenciais de segundo turno no Chile, com a possibilidade do candidato da ultradireita, José Antônio Kast, vencer a candidata do Partido Comunista, Jeannete Jara, sucedânea do desmoralizado governo pseudo-reformista de Gabriel Boric.
33. No Peru, o impeachment da presidente Dina Bo-

- luarte em outubro de 2025, sob a acusação de corrupção e incapacidade de enfrentar a crescente violência, resulta de um longo processo de instabilidade político que vem desde o golpe de Estado promovido pelo presidente Alberto Fujimori em 1992, para não convocar eleições e manter-se no poder como ditador, de forma que a recente posse do presidente do Congresso Nacional, José Jerí, não estabilizará o país.
34. As contradições entre o México de economia atrasada, semicolonial, e os Estados Unidos aumentaram, em vez de diminuir, com o Tratado entre México, Estados Unidos e Canadá (T-MEC), assinado em 2020, em substituição ao Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (NAFTA) de 1994, já que o objetivo do imperialismo sempre foi o de anexar economicamente o país vizinho, tendo de combater mais recentemente o estreitamento de relações entre o México e China, sendo que Trump bombardeou o NAFTA, impôs o T-MEC e, no momento, exige do governo de Claudia Sheinbaum maior subordinação do Estado mexicano aos Estados Unidos, sob a justificativa do combate ao narcotráfico e à violência, ameaçando intervir militarmente em seu território.
  35. A instabilidade política no Brasil ganhou corpo com o golpe institucional que derrubou o governo de Dilma Rousseff, instituiu a ditadura civil de Temer e aplainou o caminho para a eleição do ultradireitista Jair Bolsonaro, cujo governo se aprofundou na crise pandêmica, perdeu as eleições de 2022 para Lula, recém reabilitado do processo da Lava Jato, tentou se manter no poder por meio de um golpe de Estado fracassado e acabou de ser condenado à prisão, sendo que os Estados Unidos estão amplamente envolvidos nesse processo de desestabilização política do governo Lula, mesmo que o governo petista de frente ampla esteja comprometido com o grande capital e servindo à política de contenção da luta operária e popular.
  36. Cuba continua sendo sancionada economicamente e atacada politicamente pelos governos norte-americanos há mais de sessenta anos, tendo resistido à tentativa de invasão à Baía dos Porcos em abril de 1961, no presente, mesmo com o processo de restauração capitalista em andamento, os Estados Unidos continuam a cercá-la e sufocá-la economicamente, de forma que a luta anti-imperialista exige a defesa incondicional de Cuba.
  37. Esses acontecimentos indicam que o intervencionismo dos Estados Unidos tende a provocar maiores abalos nos alicerces da política burguesa e a despertar a atenção da classe operária e da maioria oprimida para a necessidade de resistir aos ataques da classe capitalista às suas condições de existência, reagindo ao aumento da exploração e às contrarreformas que sacrificam ainda mais a vida dos explorados.
  38. Está posta a tarefa revolucionária de organizar um movimento anti-imperialista na América Latina, dirigido pela classe operária em aliança com as massas camponesas e as camadas empobrecidas da classe média urbana, que responda às medidas econômicas dos Estados Unidos e das potências europeias, bem como ao impulso da militarização movido pelos objetivos imperiais da política de Trump.
  39. A defesa da independência e soberania nacionais depende inteiramente da classe operária e da maioria oprimida, uma vez que as frações da burguesia latino-americana ditas reformistas não podem assumir o combate anti-imperialista, tendo em vista que o nacionalismo burguês está historicamente esgotado e politicamente decomposto.
  40. O movimento anti-imperialista começa por responder, em cada país, com o programa e os métodos da luta de classes, às necessidades da maioria oprimida e às consequências das medidas governamentais pró-imperialistas, de forma a unir a classe operária e os demais explorados no campo da independência diante da política burguesa como um todo e, em particular, da variante nacional-reformista.
  41. Um dos obstáculos fundamentais para erguer os explorados em defesa de suas condições de existência e da soberania nacional se encontra na estatização dos sindicatos e no domínio da política de conciliação de classes, que conclui subordinando as organizações dos explorados ao grande capital e ao Estado burguês, o que exige da vanguarda com consciência de classe desenvolver a luta sobre a base da democracia operária.
  42. A bandeira anti-imperialista de defesa incondicional da Venezuela e de qualquer país semicolonial atacado pelos Estados Unidos e demais potências opressoras tem de ser desenvolvida no terreno concreto da luta de classes em cada país, de forma a projetar e constituir um movimento latino-americano pela derrota da ofensiva do imperialismo encabeçada pelos Estados Unidos.
  43. A defesa da nação oprimida exige que a classe operária e sua vanguarda combatente organizem desde os locais de trabalho e estudo aos bairros populares a frente única anti-imperialista, pondo em pé os comitês de luta.
  44. A resistência anti-imperialista tem por conteúdo e orientação estratégica o programa da revolução social, que é proletária, portanto, de transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade coletiva, socialista.
  45. É imperativo que a luta anti-imperialista na América Latina responda à crise geral do capitalismo, à opressão nacional em toda a parte, à escalada militar e às guerras de dominação como as que ocorrem na Ucrânia e na Faixa de Gaza com o programa da revolução social, cuja estratégia é a da derrubada da ditadura de classe da burguesia e constituição da ditadura do proletariado.
  46. O enfrentamento à opressão nacional na América Latina implica unir o proletariado e a maioria



oprimida contrapondo-se ao divisionismo, ao particularismo e ao regionalismo estabelecidos pelas relações capitalistas de produção e pelas fronteiras nacionais, unidade essa que se realiza pela frente única anti-imperialista e pela estratégia programática dos Estados Unidos Socialistas da América Latina.

47. O movimento anti-imperialista deve chamar o proletariado dos Estados Unidos a rebelar-se contra sua burguesia, com suas próprias bandeiras, apoiando as reivindicações dos oprimidos da América Latina, considerando que se trata de uma mesma luta para derrubar o poder do imperialismo.
48. É preciso reconhecer que a classe operária e os demais explorados, em grande medida, se acham desorganizados e condicionados pelas diversas frações da burguesia, que determinam as condições de funcionamento do regime político e da governabilidade, arrastando-os ora por detrás de partidos de direita e ultradireita, ora de partidos de centro-esquerda mascarados de nacional-reformistas, o que exige libertá-los da dependência política e ideológica por meio da luta de classes e da organização independente.
49. A crise de direção é o fator histórico fundamental que tem dificultado a classe operária e a maioria oprimida resistirem e avançarem a luta anti-imperialista e anticapitalista nas condições objetivas em que a crise mundial do capitalismo resulta na intensificação da exploração da força de trabalho e da opressão nacional.
50. À luz dos acontecimentos catastróficos e do

avanço da barbárie capitalista, emerge o programa da revolução social e, ao mesmo tempo, a necessidade histórica de superar a crise de direção, reconhecida pelo Programa de Transição da IV Internacional como a “crise histórica da humanidade”, contradição essa que coloca à vanguarda com consciência de classe a tarefa de assimilar as experiências revolucionárias do proletariado, de reconhecer suas conquistas e de aplicá-las nas formulações programáticas, entre elas a luta anti-imperialista como parte da revolução socialista.

51. O atraso na construção dos partidos revolucionários marxista-leninista-trotskistas, e, portanto, na reconstrução da IV Internacional reflete a profundidade da crise de direção, cuja superação vem sendo equacionada dia a dia pela militância que encarna as conquistas históricas do proletariado, tendo por guia a Revolução Russa e as revoluções que se seguiram.
52. O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) tem pleno conhecimento do significado da crise de direção e da necessidade de construir os partidos da revolução social e do internacionalismo proletário, de forma que se coloque à frente da luta anti-imperialista como parte da derrocada do poder da burguesia e da retomada da transição do capitalismo ao socialismo, iniciada pela Revolução Russa de 1917 e constituição da União das Repúblicas Socialistas (URSS) em 1922.

3 de dezembro de 2025

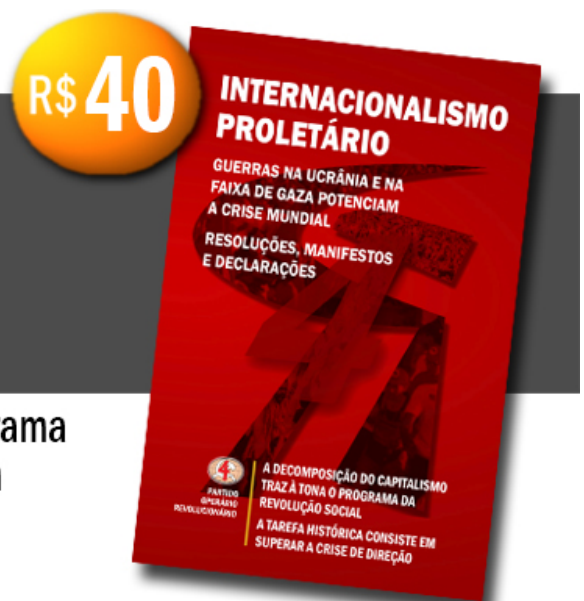
## LANÇAMENTO!

# INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

### Guerras na Ucrânia e na Faixa de Gaza

A Decomposição do capitalismo traz à tona o programa da Revolução Social. A Tarefa histórica consiste em superar a crise de direção.

Adquira já com o distribuidor do Jornal Massas.



## Ruptura da Organização Comunista Internacionalista (OCI) com a Internacional Comunista Revolucionária (ICR)

O documento abaixo foi apresentado na reunião da direção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) pela seção brasileira. A questão da dissolução da IV Internacional e o processo de fragmentação em inúmeras correntes que se reivindicam do trotskismo está posta no terreno da luta pela reconstrução da IV Internacional. A leitura e discussão ponto a ponto permitiu que o documento fosse enriquecido por informações e experiências das próprias seções do CERQUI.

### É necessário ir à raiz da fragmentação e dissolução da IV Internacional

Tomamos conhecimento da cisão por meio da *“Declaração da OCI sobre a ruptura organizada pelo secretariado internacional da ICR” e da “Carta aberta a todos os camaradas brasileiros, assinada por Alan Woods, dirigente da ICR”*. Trata-se de mais uma divisão, entre muitas, no campo das correntes que se reivindicam do trotskismo e da IV Internacional. Se se observar o percurso das divisões que se abriu na década de 1950 e se agravou nas duas décadas posteriores, a vanguarda revolucionária verá o quão prejudicial tem sido para a tarefa de superar a crise de direção, caracterizada e formulada nas primeiras linhas do Programa de Transição da IV Internacional, de 1938.

As seções da IV Internacional, que se constituíram sob o combate da Oposição de Esquerda Internacional, evidenciaram prematuramente a incompreensão histórica da crise de direção, que se abriu com a degeneração do Partido Comunista da URSS, do regime soviético e da III Internacional. As tendências e agrupamentos que se ergueram contra o revisionismo estalinista do marxismo-leninismo expuseram as dificuldades em compreender, assimilar e aplicar os fundamentos do marxismo-leninismo-trotskismo nas condições em que o capitalismo da época imperialista gestava guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A cisão no Partido Comunista Russo foi traumática, exigindo de Trotsky e seus partidários da Oposição de Esquerda Russa demonstrarem o novo fenômeno da burocratização do Estado operário, exporem a emergência de forças sociais restauracionistas, responderem ao cerco do imperialismo à URSS e apresentarem uma diretriz assentada nos objetivos e nas ações voltados à revolução mundial.

A luta da fração revolucionária contra as tendências burocráticas e restauracionistas se deparou com a necessidade de desmontar os pilares do revisionismo estalinista que se manifestavam teoricamente na tese da possibilidade de desenvolver o *“socialismo em um só país”* e alcançar condições para cultivar um período de coexistência pacífica com as forças do imperialismo. Esse embate geral comparecia em formas particulares da luta interna em torno à diretriz econômica, ao funcionamento do Estado operário, à democracia soviética e ao lugar da classe operária como força motriz da transição do capitalismo ao socialismo.

O fracasso e a derrota da revolução na Alemanha foram um fator de enorme peso para o isolamento da URSS. A revolução na Alemanha fazia parte da tendência revolucionária que havia levado à vitória da Re-

volução na Rússia. Lênin e Trotsky estavam convencidos de que era imprescindível o desenvolvimento da revolução internacional. Contrariamente ao internacionalismo, a orientação estalinista para a Revolução Chinesa, que se iniciou em 1925 e concluiu em um massacre no ano de 1927 em Cantão, foi combatida por Trotsky, devido ao fato de que subordinava o Partido Comunista Chinês a Chiang Kai Shek. Essa derrota também contribuiu para um maior isolamento da URSS.

O período de luta interna se limitou à defesa da Oposição por desburocratizar as relações políticas e restabelecer o curso da democracia partidária e do regime soviético. A imposição da ditadura burocrática de Stalin, a derrota da Oposição de Esquerda e a expulsão de Trotsky exigiram uma mudança quanto à linha de combate às forças restauracionistas. O que só viria a ocorrer em 1933, quando se tornou completamente claro que era necessária uma revolução política na União Soviética. O que colocava na ordem do dia a necessidade de impulsionar o movimento da Oposição de Esquerda no sentido da constituição de uma nova Internacional, ou seja, a IV Internacional. A III Internacional havia se degenerado a ponto de romper com o programa dos Quatro Primeiros Congressos de sua fundação.

É nesse momento e nesse processo que a Oposição de Esquerda se depara com o problema fundamental de que as seções mais avançadas, como a da França e dos Estados Unidos, refletiam debilidades que advinham do fato de não terem alcançado uma penetração na classe operária e avançado na tarefa de constituir o programa nacional. O maior obstáculo se encontrava no fato de a Oposição de Esquerda Russa ter sido dizimada pelo terror estalinista. Os quadros mais formados e mais experientes foram assassinados. As divergências e cisões ocorridas nos marcos da constituição da IV Internacional se originaram, em grande medida, dessa situação adversa, em que não se chegou a formar um destacamento avançado do proletariado e predominou a presença de militantes oriundos da pequena burguesia.

A resistência em compreender o fenômeno da burocratização e a justeza do programa da revolução política dificultou enormemente a formação de quadros e o fortalecimento da embrionária IV Internacional. As discussões em torno à tática da defesa incondicional da URSS contra os ataques do imperialismo e dos perigos da Segunda Guerra paralisaram, em boa



medida, a vida interna e externa das seções. A história dos choques internos na seção francesa e norte-americana demonstra quão longe estavam de se constituírem como programa no interior do proletariado.

Documentos como *“Carta aberta ao conselho de redação da Verité”*, *“Uma declaração da Verité”*, *“Carta ao conselho de redação da Lutte de Classes”* e *“Defesa da República Soviética e da Oposição”* foram escritos em 1929, no nascer da Oposição de Esquerda Internacional, cujo sentido reflete as enormes dificuldades em constituir as direções revolucionárias. Citemos de passagem os documentos *“A URSS na guerra”* (outubro de 1939), *“Uma oposição pequeno burguesa no Socialist Workers Party”* (dezembro de 1939), *“Um Estado não-operário e não-burguês”* (novembro de 1937) e *“De um arranhão, ao perigo de gangrena”* (janeiro de 1940), que trazem importantes lições sobre as divergências e as condutas políticas das frações. A compilação *“Em Defesa do Marxismo”*, de Trotsky, em que estão impressos os documentos citados, testemunha amplamente as debilidades das seções da IV Internacional e as dificuldades extremas em constituir uma sólida direção mundial.

Os acontecimentos posteriores ao assassinato de Trotsky em agosto de 1940 colocaram as duas principais seções da IV Internacional – a francesa e a norte-americana – a tarefa de impulsionar sua construção como Partido Mundial da Revolução Socialista. O trabalho da IV internacional por constituir uma seção no interior da revolução na Espanha compareceu como estratégica justamente porque expressava a intervenção do marxismo-leninismo-trotskyismo oposta à orientação contrarrevolucionária do estalinismo. A incapacidade do POUM de aplicar a linha estabelecida pela Oposição de Esquerda Internacional irá frustrar o desenvolvimento da linha proletária que tinha potenciado a luta da IV Internacional.

O nazifascismo de um lado, e o estalinismo de outro, nos marcos da Segunda Guerra, golpearam as organizações trotskistas na Europa. Enfraquecidas pela dispersão não puderam desempenhar ações de resistência que as vinculassem vivamente com a classe operária. Isso quando as condições de desintegração do capitalismo refletiam a justeza da linha da Oposição de Esquerda traçada desde 1924 na URSS e desde 1929 no exterior. As derrotas e os bloqueios à luta internacionalista do proletariado mantiveram a construção da IV Internacional na contracorrente da história. Essa travessia passou a depender da direção que tomou em suas mãos o leme da organização.

Devemos ter presente o significado histórico da liquidação dos melhores quadros da Oposição de Esquerda que dirigiram a Revolução Russa. Os Processos de Moscou (1936/8) foram um ponto alto que refletiu a necessidade do estalinismo de liquidar a Oposição.

A liquidação da III Internacional em 1943 confirmou pela negativa o lugar estratégico que havia tomado a IV Internacional, desde o momento em que Trotsky reconheceu em 1933 o dever impostergável de dar continuidade aos Quatro Primeiros Congres-

os da Internacional Comunista. A iniciativa de reorganizar a IV Internacional em 1944, realizando uma Conferência, ainda que limitada às seções europeias, indicou o caminho da superação da dispersão que se manifestou após o assassinato de Trotsky.

É nessa tentativa de reagrupamento que se verificou as enormes debilidades das organizações francesas - Partido Operário Internacionalista (POI), Comitê Comunista Internacionalista (CCI) e Grupo Outubro - que se fundiram para constituir o Partido Comunista Internacionalista (PCI). Nos Estados Unidos, o SWP enfrentava uma dura repressão e seus quadros não mostravam a solidez necessária para as condições tão adversas da luta de classes. As demais organizações da Europa e fora dela dependiam, em grande medida, do impulso organizacional que poderia dar no próximo período em que a guerra tivesse findada. É nessas condições que os aparatos estalinistas se mostram fortalecidos, uma vez que a URSS jogou um papel decisivo para a derrota militar de Hitler. O que exigia uma resposta programática e tática da direção da IV Internacional, que se reorganizava depois de um período de quase desintegração.

O segundo Congresso mundial, realizado no início de 1948, contou com pouco mais de vinte organizações, representando 19 países. Essa afluência poderia resultar em um importante passo no fortalecimento da IV Internacional. Foi significativo nesse sentido a formação do Secretariado Internacional (SI) e de um Comitê Executivo Internacional (CEI). Tratou-se, no entanto, de uma formalidade. A sua direção não estava capacitada a edificar a IV Internacional sobre a base do Programa de Transição e do conjunto de formulações estabelecidas no combate de Trotsky ao revisionismo estalinista e ao curso restauracionista que ameaçava a liquidação da URSS. Nenhuma das seções que ampararam o segundo Congresso Mundial havia acumulado e assimilado as experiências, que só poderiam ser materializadas no trabalho de construção do partido no seio do proletariado e, assim, forjar o programa da revolução em seus países. Como foi comprovado pelos acontecimentos posteriores, à seção francesa cabia constituir uma direção sólida. No entanto, se passou o contrário.

No terceiro Congresso, de 1951, eclode a crise no seio da IV Internacional, que iria concluir com o seu estilhaçamento. O seu secretário Michel Pablo, membro da seção francesa, havia publicado o documento *“A onde vamos”*, no qual se expunha uma mudança na caracterização do estalinismo e o seu lugar na nova situação que se iniciava com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Pablo considerava que o regime estalinista passava a jogar um papel progressivo, uma vez que o mundo se achava dividido entre o *“regime capitalista e o mundo estalinista”*. As implicações dessa revisão eram de ordem programática e principista. Negava o programa da revolução política elaborado por Trotsky e assumido como linha pela Oposição de Esquerda Internacional. Do ponto de vista prático, os revolucionários teriam de constituir-se como uma força auxiliar dos partidos comunistas estalinizados nos

choques entre esses blocos. Condenava assim a tática da independência do proletariado diante da política da burocracia estalinista no confronto com as forças do imperialismo e na defesa incondicional da URSS. Orientava, portanto, as seções da IV Internacional a realizarem o que denominou “*entrismo sui generis*” nos partidos comunistas.

Essa novidade de Pablo provocou uma cisão na seção francesa e na IV Internacional. A fração que resistiu ao revisionismo, que era a maioria do Partido Comunista Internacionalista (PCI-seção francesa) foi expulsa em 1952.

A direção do SWP, depois de vacilar, em fins de 1953, condenou o pablismo e rompeu com o Secretariado Internacional. Esse passo poderia interferir no sentido contrário ao estilçamento e dissolução da IV Internacional, caso juntamente com a seção francesa o SWP afirmasse os fundamentos do marxismo-leninismo-trotskismo e avançasse em suas conquistas, reconhecendo as novas condições da luta de classes abertas com o fim da Segunda Guerra e os realinhamentos de forças que emergiam dos acordos de Yalta e Potsdam.

A reconciliação do SWP com o pablismo resultou em 1963 na formação do Secretariado Unificado (SU), o que veio a fortalecer a continuidade do revisionismo encarnada por Ernest Mandel e Pierre Frank. Os erros de caracterização do movimento expostos no processo da Revolução Chinesa e da Revolução Cubana se encarregaram de ampliar as deformações revisionistas. A confusão entre guerrilha e foquismo que emergiram do castro-guevarismo se fizeram presente no SU pablista. A crítica do Partido Operário Revolucionário da Bolívia (POR) nesse momento ganhou expressão à altura da defesa do marxismo-leninismo-trotskismo, em completo choque com a caminhada do revisionismo na América Latina. Pablo acabou por abandonar o SU, para criar a Tendência Marxista Revolucionária da IV Internacional. Foi às últimas consequências na política de subordinação ao nacionalismo burguês no período de 1970 e 1980, chegando a apoiar a ditadura militar no Peru. Esse passo definitivo o levou a renegar abertamente a IV Internacional.

Na América Latina, o pablismo se materializou sob a direção Juan R. Posadas, acirrando a política de seguidismo ao nacionalismo burguês. Rompeu com o SU em 1964, sob a dinâmica do divisionismo. Nesse marco de estilçamento, a tentativa da seção francesa e norte-americana, circundada pela seção inglesa, não pôde sustentar a constituição do Comitê Internacional da IV Internacional, que acabou por assumir o federativismo, contraditório com o centralismo leninista do Partido Mundial.

No interior do SU, o dirigente argentino, Nahuel Moreno, alinhou-se com o SWP, em 1975, formando uma fração opositora à de Mandel. Não tardou o fracasso dessa aliança em combater o revisionismo pablo-mandelista. Moreno organizou a Fração Bolchevique, que se alicerçará no Partido Socialista dos Trabalhadores (PST), que constituirá a Liga Internacionalista dos Trabalhadores-Quarta Internacional

(LIT-QI), em 1982. Antes, porém, Moreno aproximou-se de Lambert em função do apoio que teve à sua intervenção na Revolução Sandinista na Nicarágua, com a chamada “Brigada Simon Bolívar”, 1979, que acabou sendo duramente reprimida pelos sandinistas. Em 1980, constituiu-se o Comitê Paritário Quarta Internacional e Comitê Internacional (QI-CI) entre Lambert e Moreno. Fracassou em pouco tempo, explodindo com acusações de antitrotskismo de ambos os lados. O POR da Bolívia rechaçou a aproximação oportunista, publicando a crítica no documento “*Revisionismo contrarrevolucionário do Comitê Paritário*”. De passagem, assinalamos a recente cisão que se deu no interior da LIT. A corrente morenista é pródiga em divisões.

Na Inglaterra, a organização sofreu profundamente os impactos da revisão de Pablo. A direção exercida por Gerry Healy se curvou perante as teses pablistas, que constam no documento “*Ascenso e declínio do estalinismo*”. Acirraram-se os conflitos com o SWP e com a corrente liderada por Pierre Lambert, da organização francesa. A Liga Operária Socialista healyista se afastou definitivamente do lambertismo em 1973. Nesse curso, Ted Grant e Alan Woods acabaram por constituir sua própria corrente internacional, em 1991, a Corrente Marxista Internacional (CMI), que mais recentemente se tornou a Internacional Comunista Revolucionária (ICR). Conseguiu arregimentar no Brasil a fração Esquerda Marxista que rompeu com a corrente lambertista Organização Socialista Internacionalista (OSI), O Trabalho.

No início dos anos de 1970 se estruturou o Comitê pela Reconstrução da IV Internacional (CORQUI) entre o lambertismo (OCI da França), o POR da Bolívia, Política Operária (PO) da Argentina, Comité de Enlace de militantes trotskistas chilenos, o Partido Operário Marxista Revolucionário (POMR) do Peru e outras organizações, com o objetivo de avançar na reconstrução da IV Internacional. A ruptura do CORQUI, forçada pelo lambertismo, que colocou a expulsão de Política Obrera (PO) por questionar seu ultraesquerdismo, ao considerar que os sindicatos eram burgueses e, portanto, deveriam ser destruídos e construídos outros organismos. O POR da Bolívia interveio em defesa de PO, caracterizando a ação dos lambertistas de burocrática. Essa ruptura deu origem à Tendência Quarta Internacionalista (TQI) em 1979, que teria uma vida de três anos. Logo após se distanciar da TQI, Política Operária começa a abandonar suas conquistas programáticas modificando a estratégia para “governo dos trabalhadores”, para legalizar eleitoralmente o Partido, mudando seu nome, estatutos e princípios organizativos, que dão lugar a uma intensa luta interna, constituição de frações e rupturas posteriores. Em seu mais avançado eleitoralismo, se produziu a maior cisão, dividindo-se em dois partidos - Partido Obrero e Política Obrera.

São tantas as rupturas e tentativas de reaproximação entre as correntes que se reivindicam do trotskismo que é difícil acompanhar o processo de estilçamento. Está absolutamente claro, no entanto, que as



rupturas provocadas pelo revisionismo impossibilitaram não só a continuidade organizativa da IV Internacional como impediram que uma das frações, que a princípio poderia ser encarnada pelo agrupamento da seção francesa liderado por Lambert, desse continuidade ao internacionalismo proletário, marxista-leninista-trotskista.

A construção do Partido Operário Revolucionário, na Bolívia, se deu em grande parte à margem desse percurso da IV Internacional, depois da morte de Trotsky. Originou-se em 1935 reivindicando as posições da Oposição de Esquerda Internacional. Não chegou a participar da fundação da IV Internacional devido às difíceis condições de sua origem no exílio. O que não o impediu de condenar e combater o revisionismo pablista. Há uma particularidade histórica de grande importância, que foi a luta do dirigente Guillermo Lora e seus camaradas contra a influência antimarxista de uma fração pablista que chegou a cindir o POR em 1954. As experiências de meados de 1950, que envolveram a Revolução Boliviana de 1952, e a da década de 1970, que envolveram a Assembleia Popular, foram definitivas para derrotar as teses do nacionalismo pablista no terreno prático da luta de classes na Bolívia. O que resultou em um embate principista e programático do POR em defesa dos fundamentos da IV Internacional. Diante da ruptura na IV Internacional, o POR não exerceu nenhuma influência, mas teve de enfrentar o trabalho fracional do pablismo e de seu agente Posadas no Buro Latino-americano, que defendeu a subordinação do POR ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR). Assim se passou porque o POR, desde 1946, ganhou projeção como partido marxista-leninista-trotskista, constituindo-se no interior dos mineiros, da classe operária boliviana. Nesse momento, a IV internacional ainda se encontrava no estágio de reorganização.

As Teses de Pulacayo, aprovadas no Congresso da Federação Mineira, constituíam um passo decisivo na elaboração do programa baseado no método do Programa de Transição. O que possibilitou a revelação das leis particulares da revolução proletária no país semicolonial, da clareza dos objetivos estratégicos e da tática a ser aplicada. As mais distintas variantes do revisionismo da IV Internacional não conseguiram atingir a fortaleza do POR com as levianas acusações

de nacional-trotskismo. O certo é que agiram para isolá-lo internacionalmente.

Foi de extraordinária importância a derrota do pablismo nas condições concretas da Revolução de 1952 e da constituição da Assembleia Popular de 1971. Sua importância está em que constituiu uma organização soviética e colocou a frente única anti-imperialista como uma tática a ser aplicada nos países semicoloniais para a tomada do poder pelo proletariado. Evidenciou que o revisionismo se colocou em choque com a orientação trotskista precisamente na caracterização e do lugar do nacionalismo burguês na contrarrevolução. Todas as deformações e incompreensões do revisionismo sobre a questão nacional puderam ser combatidas e derrotadas.

É necessário assinalar que o POR reconheceu a necessidade de romper o seu isolamento e intervir nas difíceis condições da crise aberta pelo pablismo e seus seguidores em meados de 1950. Los conflitos em torno à orientação da reconstrução da IV Internacional acabaram por inviabilizar a intervenção do POR no terreno do trabalho internacional. Em 1969, aproximou-se do Comitê Internacional. Em 1979, rompeu com o Comitê de Reorganização da IV Internacional (CORQUI), dirigido por Lambert. Junto com Política Obrera da Argentina, deu início à organização da Tendência Quarta Internacional (TQI), que logo se frustrou. Lançou-se contra a constituição do Comitê Paritário, montado por Lambert e Moreno.

O trabalho mais sistemático se deu na formação do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), que passou por uma crise advinda da imaturidade das seções argentina e brasileira. Hoje, o CERQUI persiste na tarefa de superar a crise de direção, reconstruindo o Partido Mundial da Revolução Socialista. O POR da Bolívia é o seu principal pilar precisamente por expressar o Programa de Transição aplicado à realidade do país e por impulsionar o internacionalismo proletário.

Uma das críticas fundamentais de Guillermo Lora em sua avaliação sobre o revisionismo e a multiplicidade de cisões é a de que as inúmeras organizações se desviaram do método marxista de formação do partido, constituindo-se como programa da revolução em seus países e erguendo o Partido Mundial da Revolução Socialista, sobre a base do Programa de Transição da IV Internacional.

## Para onde vai a Organização Comunista Internacionalista (OCI)

O documento **“Declaração da OCI sobre a ruptura organizada pelo secretariado internacional da ICR”** expõe vários aspectos que justificariam o antagonismo no interior da Internacional Comunista Revolucionária (ICR) e sua exclusão. A **“Carta aberta a todos os camaradas brasileiros”**, assinada pelo dirigente Alan Woods, segue a mesma linha de generalidades pontuais para denunciar Serge Goulart, acusando-o de ter sustentado diuturnamente uma discussão fracionista, que finalmente havia transbordado. O resultado foi que a fração de Goulart ficou com a maioria

da OCI. A fração minoritária que seguiu a linha de Alan Woods certamente continuará reproduzindo as raízes do revisionismo que levaram às rupturas na IV Internacional e na própria Inglaterra e que acabaram por constituir a Corrente Marxista Internacional (CMI), que depois se transformou na Internacional Comunista Revolucionária (ICR).

Em sua Carta, Alan Woods retorna ao passado sobre a ruptura com a organização francesa, dirigida por Lambert, referindo-se à discussão em torno ao desenvolvimento ou não das forças produtivas na época

do capitalismo imperialista. Isso para dizer que Serge Goulart levou a sua organização, Esquerda Marxista, originada de uma ruptura com a Corrente O Trabalho (Organização Socialista Internacionalista-OSI) e, assim, com a IV Internacional lambertista, aderindo à organização de Ted Grant/Alan Woods, sem, contudo, ter rompido com o lambertismo.

Em um tom hipócrita, afirma: **“Quando o camarada Serge Goulart se juntou à Internacional, presumimos que ele havia rompido com o lambertismo. E, de fato, à primeira vista, havia evidências de que esse era o caso”**. Cinicamente perplexo conclui: **“No entanto, por algum motivo, ele mais tarde voltou às suas velhas ideias, que continuamente ressurgiam, distorcendo todos os debates e causando confusões sem fim. A mesma ideia lambertista era constantemente apresentada sob diferentes disfarces por Serge Goulart, com a monotonia tediosa de um disco de vinil riscado, em todos os congressos mundiais. (...) Nossa Internacional rompeu há muito tempo com os sectários pseudos trotskistas como Lambert, Pablo, Mandel, Cannon e todos os outros que desonraram o nome do trotskismo por décadas”**.

Basta essa acusação de Alan Woods, ainda que hipócrita e cínica, para que a fração de Serge Goulart se coloque por fazer um balanço histórico de sua ruptura com o lambertismo em 2006, cujo processo se iniciou já em 2001. Mas, esse não é o motivo fundamental. A real necessidade se encontra na origem e no processo revisionista que levou à desintegração da IV Internacional e à multiplicidade de correntes centristas e oportunistas.

Nota-se que algumas das principais discordâncias e críticas da fração majoritária da OCI à posição da Internacional Comunista Revolucionária (ICR) procedem. Destacamos, por exemplo, a questão da Palestina. Evidentemente, o reconhecimento do Estado de Israel, portanto, do Estado sionista, conduz a posições que favorecem o colonialismo que esmaga o direito à autodeterminação do povo palestino, embora a resolução transcrita na declaração da OCI sobre a ruptura referira-se à **“formação de uma federação socialista do Oriente Médio”**. A noção do Brasil como um país subimperialista é uma excrescência do revisionismo que pisoteou as formulações do marxismo-leninismo sobre a questão nacional. Está claro também que o posicionamento da ICR sobre o desenvolvimento das forças produtivas nos marcos do imperialismo fratura as formulações do marxismo-leninismo-trotskismo. Mas essa questão deve ser tratada não apenas no plano conceitual. As caracterizações concretas e as respostas do internacionalismo proletário têm de estar de acordo com o desenvolvimento da linha de intervenção mundial e nacional. As questões que envolvem a restauração capitalista que liquidou a URSS e colocou a China no curso de sua integração à economia mundial regida pelas leis econômicas do capitalismo exigem estudos e considerações bem fundamentadas. O próprio CERQUI vem realizando esse percurso, de forma a evitar discussões artificiais.

Para onde vai então a OCI? Na conclusão de sua Declaração, afirma: **“A OCI tem uma história nacional e internacional. Vai continuar seu combate pela reconstrução da Internacional Comunista de Lênin e Trotsky, sobre a base do ‘Manifesto do Partido Comunista’, da experiência de massa da II Internacional, da Conferência de Zimmerwald, da Revolução de Outubro, dos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista, da IV Internacional e de sua ‘Programa de Transição’, assim como do combate de Leon Trotsky pela construção de uma verdadeira Internacional digna desse nome. A Internacional que só pode ser construída sobre a base do programa marxista, ainda que não se conheça os meios e as formas que tomará para se erigir em um partido mundial da revolução socialista nesta época de guerras e revoluções, de resistência e combate, de reorganização do movimento operário sobre o novo eixo revolucionário”**.

Esse conjunto de boas intenções será apenas palavreado e servirá para acobertar os erros cometidos pela Esquerda Marxista e depois pela Organização Comunista Internacionalista (OCI), caso a sua militância não se debruce a fazer um rigoroso balanço crítico e autocrítico de sua trajetória. Um balanço que conduza a OCI a reconhecer que surgiu de um fracionamento nos marcos do revisionismo, que dissolveu a IV Internacional, sem que constituísse um programa partidário da revolução proletária no Brasil. A Esquerda Marxista – Organização Comunista Internacionalista se manteve, desde a ruptura com a Corrente O Trabalho, como uma corrente sem programa e sem o objetivo estratégico de reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista. É de grande importância nesse balanço avaliar os motivos que a levaram a se vincular à corrente revisionista de Ted Grant-Alan Woods.

A ideia expressa na Declaração da OCI de que a Internacional **“só pode ser construída sobre a base do programa marxista, ainda que não se conheçam os meios e as formas que tomará para se erigir em um partido mundial da revolução socialista (...)”** indica, por si só, sua completa desorientação diante da tarefa de superar a crise de direção reconstruindo a IV Internacional. Não é verdade que **“não se conheçam os meios e as formas”**. Essa é uma maneira oportunista de desconhecer os **“meios e as formas”** marxista-leninista-trotskistas, que estão na base do internacionalismo e de sua expressão organizativa, que se manifestaram na experiência do Partido Bolchevique. Temos como continuidade dessa experiência a do POR na Bolívia de construir o partido-programa.

Em nossa compreensão, Serge Goulart conduziu a fração que rompia com a política antimarxista da Corrente O Trabalho de dissolução no interior do PT a uma vinculação oportunista e aparelhista com a organização inglesa Corrente Marxista Internacional (CMI). Nesse processo, ingressou no PSOL avaliando que sua organização poderia se potencializar em base a uma juventude arrastada pelo reformismo pequeno-burguês. Rompeu com o PSOL sem um balanço do erro cometido, que, entre outras consequências, au-



xiliou na gestação do ilusionismo centrista. Esse partido logo se mostrou tributário do PT e do governo Lula. Não há outra via para a militância da OCI encontrar-se com os fundamentos do internacionalismo marxista-leninista-trotskista a não ser a da crítica e autocrítica e do reconhecimento de que se constituiu em uma corrente sem-programa.

Está posta para sua militância corrigir os erros de

sua direção, voltando-se ao objetivo de reconstruir a IV Internacional. Reconstrução essa que exige a formação de verdadeiros partidos marxista-leninista-trotskistas. A ruptura da OCI com o revisionismo da ICR será progressiva se desembocar no fortalecimento do Partido Operário Revolucionário (POR) e do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI).

## **Saudações Internacionalistas do EEK da Grécia pela aniversário de 90 anos da Fundação do Partido Obrero Revolucionário/POR na Bolívia**

Prezados camaradas,

O Comitê Central do EEK (Partido Revolucionário dos Trabalhadores) da Grécia envia suas saudações internacionalistas e saúda o 90º aniversário da fundação do Partido Obrero Revolucionário - POR na Bolívia!

Prestamos homenagem ao legado revolucionário do POR em sua longa trajetória, especialmente como foi demonstrado em seu papel de vanguarda entre os mineiros bolivianos e a classe operária como um todo, com marcos importantes como a adoção das Teses de Pulakayo, redigidas por Guillermo Lora, o líder histórico do POR, o papel dos trotskistas do POR na Revolução Boliviana de 1952, e particularmente na Assembleia Popular em 1971, o primeiro Soviete da América Latina. Esse legado, apesar de todas as distorções e calúnias espalhadas por nacionalistas pequeno-burgueses, por estalinistas e por centristas que fingem representar o trotskismo, permanece sempre uma importante fonte de lições, uma “experiência estratégica” no sentido em que Leon Trotsky deu a esses termos, não apenas na América Latina, mas para a vanguarda operária internacional, principalmente àqueles que lutam para continuar a luta do fundador do Exército Vermelho e da Quarta Internacional, até a vitória da revolução socialista mundial.

A experiência estratégica incorporada na história da POR, durante todos os fluxos e recessos da história, adquire hoje um significado especial, quando o imperialismo americano, sob o incendiário Nero Trump, desde a Casa Branca, mobiliza a maior força aérea do mundo à frente da Marinha e dos Fuzileiros Navais dos EUA no Caribe, ameaçando com agressão militar e guerra não só a Venezuela, mas toda a América Latina e o Hemisfério Ocidental, estabelecer seu domínio colonial bárbaro sob regimes fascistas. Estamos confiantes de que os invasores ianques não terão mais sucesso do que foram no Vietnã ou, mais recentemente, no Afeganistão e no Iraque. Os operários e camponeses latino-americanos representam uma força gigantesca, que, em uma Frente Unida Anti-imperialista, liderada pela classe operária, pode e deve derrotar os agressores.

Essa ofensiva imperialista de guerra não é limitada à América Latina. Já incendiou o centro da Europa, com a guerra por procuração EUA/OTAN na Ucrânia contra a Rússia para fragmentar e recolonizar o antigo espaço soviético, assim como a guerra genocida sionista em Gaza e na Palestina ocupada a caminho

de um bárbaro “novo Oriente Médio” planejado pelos EUA, pelo sionista Israel, pelos sauditas, oligarcas do Golfo e outros tiranos locais contra a Revolução Árabe, o Irã e todos os povos da região. Preparativos militares também avançam no Indo-Pacífico, visando à China, considerada pelo imperialismo americano como seu principal antagonista. O imperialismo leva a humanidade à beira de uma Terceira Guerra Mundial.

Essa questão urgente e dramática se torna o teste de fogo para todas as forças dos movimentos internacionais de trabalhadores e de libertação nacional. É o momento da verdade, como no início da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, quando tanto a Segunda quanto a Terceira Internacional colapsaram devido à falência da social-democracia e do stalinismo. Somente a Quarta Internacional reconstruída pode liderar a luta revolucionária para derrotar a guerra derrubando o imperialismo capitalista em sua decadência.

Nosso Partido, fundado em 1985 por seu predecessor, a Liga Internacionalista dos Trabalhadores, fundada em 1963, então como Seção Grega do agora extinto Comitê Internacional da Quarta Internacional, conheceu ao longo de nossa longa história todos os desafios, sob e após uma ditadura militar da CIA, e passou pela maioria das divisões e fragmentações da Internacional fundada por Trotsky. Por enquanto, estamos sem afiliação internacional. Desde a época da agressão da OTAN na ex-Iugoslávia na década de 1990, estamos, junto com nossos camaradas do DIP (Partido Revolucionário dos Trabalhadores) da Turquia, promovendo o Centro Socialista Internacional “Christian Rakovsky” ativo em nossa região, no Oriente Médio e na Europa, incluindo a antiga União Soviética. O Centro Rakovsky é uma forma de organização transitória que une forças da classe operária de diferentes tradições políticas na luta contra o imperialismo e o capitalismo, pelo Socialismo mundial. Nossa tarefa internacional comum atual é a de lutar contra as guerras imperialistas no espaço da antiga União Soviética, no Oriente Médio, em geral, no Sul Global. Não é um substituto da Quarta Internacional.

A EEK considera que a fundação da Quarta Internacional em 1938, com base no Programa de Transição, foi historicamente necessária, historicamente validada, mas historicamente inconclusa. Temos de concluir o trabalho iniciado em 1938 para construir a Quarta Internacional AGORA.

Em 2024, durante o 3º Encontro Internacional

Trotsky em Buenos Aires, tivemos a oportunidade de iniciar discussões com a POR da Argentina, que também nos forneceu os livros de Guillermo Lora e outros materiais importantes. Encontramos uma convergência significativa em muitas questões estratégicas.

Queremos agradecer ao POR da Argentina por nossas discussões, por este material, assim como pelas saudações enviadas a nós por ocasião do 40º ani-

versário do nosso Partido, que celebramos ontem em Atenas, em uma reunião muito concorrida de trabalhadores e jovens. Queremos e esperamos continuar nosso diálogo e relações frutíferas sobre as bases postas pela Revolução de Outubro, Lênin, Trotsky e a Quarta Internacional.

O Comitê Central da EEK, 22 de novembro de 2025

## **Saudamos ao EEK (Partido Revolucionário dos Trabalhadores) da Grécia no 40º aniversário de sua fundação e na véspera de seu XIX Congresso**

A situação internacional está marcada pelo ressurgimento brutal das tendências de guerra em todo o mundo. A última grande crise do capitalismo, inaugurada em 2008/2009, não só não se encerrou, como se aprofundou com a guerra comercial entre as principais potências. O papel hegemônico inquestionável dos Estados Unidos tem sido ameaçado pelo crescimento extraordinário e desenvolvimento das forças produtivas na China, contestando nada menos que o papel da economia líder mundial.

A impossibilidade de resolver essa crise comercial se traduz no cenário bélico que atualmente testemunhamos. Vemos o reflexo dessa crise – impossível de ser resolvida por meios diplomáticos ou administrativos – nos ataques fundamentalmente aos países que compunham a URSS e à própria China. No primeiro caso, a Ucrânia foi usada pela OTAN como bucha de canhão para materializar sua estratégia de subjugar e balcanizar a Rússia, assumindo seus recursos minerais essenciais (as chamadas terras raras) e riquezas naturais, entre os quais o petróleo e o gás desempenham papel de destaque. Nesse contexto, o imperialismo também coloca a China como a principal ameaça à sua própria existência.

Essa busca insaciável arrastou a Europa, subordinando-a aos interesses dos Estados Unidos, colocando-a num ponto de virada de sua história. O cerco econômico - com sanções incluídas e a impossibilidade imposta pelo imperialismo ianque de comercializar com a Rússia - atacou os próprios alicerces da indústria europeia. O resultado tem sido a destruição de forças produtivas, o aumento do custo de vida, o fechamento de fábricas e o agravamento dos ataques às condições de vida das massas, que demonstraram sua disposição a enfrentar o esmagamento de suas condições de existência, como observamos na França, Alemanha, Inglaterra etc.

Não há dúvida de que essa situação abre um horizonte de fenomenal intervenção para os revolucionários e amplas perspectivas à politização das massas, politicamente órfãs, cansadas dos compromissos de suas direções traidoras e em busca no escuro pela ação direta como única possibilidade de interceder na crise. A ampla rejeição do genocídio sionista na Palestina tornou-se um ponto de apoio e um passo fundamental para elevar a compreensão das tarefas atuais, mostrando o uso essencial dos métodos históricos do proletariado para derrotar o avanço burguês.

Nesta orfandade política das massas, os desastres provocados pelos partidos comunistas estalinizados de todo o mundo e sua total falência desempenham um papel não pequeno. Tendo desempenhado um papel de destaque após a Revolução de Outubro na Rússia, a orientação estalinista revelou-se como uma burocracia contrarrevolucionária. No entanto, essa degeneração não pôde ser aproveitada inicialmente pela Oposição de Esquerda, muito menos pela Quarta Internacional após o assassinato de Leon Trotsky. Essa impossibilidade é consequência de se afastar do leninismo, buscando atalhos na árdua tarefa de se estruturar como Partido-Programa, ou seja, organizar-se como um partido tipicamente bolchevique.

Sabemos muito bem sobre o papel prejudicial desempenhado, não apenas pelo stalinismo, mas também pelos supostos continuadores do trotskismo em todo o mundo e, fundamentalmente, em nossas latitudes. Nosso Partido, o POR boliviano, que chegou ao seu 90º aniversário, viu de perto a influência perniciosa do pseudo-trotskismo desde suas origens. Nascida como uma seção da Oposição de Esquerda em junho de 1935, teve de lutar contra o pablismo capitulador nas décadas de 1940 e 1950 com sua política de entrismo e submissão ao nacionalismo burguês; enfrentou politicamente o desvio foquista das décadas de 1960 e 1970; combateu o curso democratizante desde os anos 1980, que destruiu praticamente todas as organizações autoproclamadas trotskistas desde então.

No calor dessas tenazes e inquebráveis lutas programáticas do POR boliviano, nasceram as demais seções do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI), verificando o rumo liquidacionista que muitas organizações trotskistas estavam tomando em nossos respectivos países. O POR argentino nasceu lutando contra a revisão programática do Partido Operário, que renegou de fato a história de Política Operária, adaptando-se à democracia burguesa e assimilando as teses morenistas sobre partido, programa e estratégia.

O CERQUI, buscando superar as limitações de seus predecessores, e não sem muitas dificuldades, se erigiu pacientemente a partir do debate estratégico e da luta política para entender a realidade e traduzi-la em um programa. Seu nascimento coexistiu com acontecimentos fundamentais como a queda do Muro de Berlim e a dissolução da URSS. Percebemos que esses acontecimentos desorientaram



ainda mais aqueles partidos mais interessados em crescimento artificial e resultados eleitorais em detrimento da elaboração política. A ausência desses pilares os levou a rastejar atrás de falsos devaneios, descobrindo revoluções em toda parte e apoiando as experiências mais variadas e desastrosas.

Assim, conseguimos verificar nas primeiras trocas de experiência e de colocações durante o Encontro León Trotsky, em novembro de 2024, em Buenos Aires, um ponto de partida a partir do qual poderemos desenvolver futuras discussões. Ficamos impressionados ao encontrar múltiplos acordos políticos com seu partido EEK (Partido Revolucionário dos Trabalhadores), que existe há 40 anos. Mesmo mantendo uma cautela recíproca, não é menos importante encontrar, em meio a tanta desorientação e miopia, pontos em comum na situação atual. Sem dúvida, esses constituem uma base poderosa e firme a partir da qual é essencial aprofundar o conhecimento mútuo.

É bom lembrar que períodos de guerra têm a particularidade de testar a política partidária, esclarecendo o conteúdo de classe dos partidos, com maior rapidez do que períodos de relativa calma. Por isso, não é coincidência neste momento da história nossos partidos tenha a possibilidade de sentar seriamente para estudar os materiais e abrir uma discussão fraternal. Esperamos, portanto, que em seu 19º Congresso, no marco de seu 40º aniversário, possam continuar as insubstituíveis elaborações teóricas e discutir a possibilidade de continuar esses frutíferos primeiros encontros com vista a avançar na árdua e histórica tarefa de reconstruir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a Quarta Internacional.

Fraternalmente

**Comitê Central do POR argentino – seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional**  
Novembro – 2025

## O IV Encontro Leon Trotsky foi realizado em Assunção, Paraguai

### *Informe do POR argentino*

Os Encontros anteriores foram realizados em Cuba, Brasil e Argentina. O próximo será no Rio de Janeiro, Brasil, em 2026.

Os camaradas do CERQUI participaram das Mesas “A 90 anos da fundação do Partido Operário Revolucionário da Bolívia: críticas e balanços” e sobre “A urgência de uma Internacional marxista diante da crise capitalista Internacional”, participando de polêmicas em outras Mesas. Acolhemos o chamado de Frank Hernández para realizar esta Mesa e também o esforço organizacional da Livraria Nicolás Guillén em Assunção que garantiu a sua realização.

As intervenções sobre os **90 anos do POR boliviano** enfatizaram a contribuição para o programa da revolução como parte da revolução socialista internacional, apontando desde o início o caráter proletário da revolução que destruirá as grandes propriedades, expropriando-as. Caracterizou a Bolívia como um país atrasado de economia combinada, semicolônia do imperialismo, integrada à economia mundial, em tal condição. Formulou a estratégia da revolução e ditadura proletárias, da sociedade sem classes, do comunismo. Apontou que é a estratégia que define as táticas.

**O POR boliviano defendeu o Programa de Transição**, seu método e sua estratégia, expressando-os claramente nas Teses de Pulacayo. Reafirmou o princípio de que o partido é o programa, que a classe operária, antes de derrotar fisicamente a burguesia, deve derrotá-lo ideologicamente. Que este programa é uma obra científica; que deve responder aos principais problemas; tornando consciente o instinto comunista, a rebelião das massas. Pôr em pé o partido revolucionário é uma necessidade histórica, somente os revolucionários expressam abertamente sua estratégia de poder. E essa estratégia define que tipo de partido construir: bolchevique. Por isso, o POR é a continuidade históri-

ca do marxismo-leninismo.

Acabamos de experimentar a derrota eleitoral do MAS, sua fragmentação, seus confrontos internos, sua ruptura com as massas. **O POR alertou sobre o destino do MAS** antes mesmo de assumir o primeiro governo. Enfrentou as poderosas ilusões que se despertaram, ao custo do partido ficar temporariamente isolado, cumprindo sua obrigação revolucionária, tornando consciente a frustração inevitável. Baseou-se na caracterização de que a coexistência com a grande propriedade – a definição de “capitalismo andino” –, tornaria impossíveis as transformações que prometia. Denunciou a burocratização e submissão da COB. Combateu o MAS o tempo todo.

Os camaradas do POR enfatizaram que, **na Bolívia, foi derrotado o pablismo**, corrente revisionista que dirigia a Quarta Internacional e que defendia o apoio ao MNR em 1952; que a corrente liderada por Guillermo Lora enfrentou Posadas e Arroyo, que trabalharam para impor a linha internacional, fragmentando o Partido. Guillermo Lora argumentou que o MNR acabaria ajoelhado diante do imperialismo, traindo a Revolução de 1952, como aconteceu alguns anos depois. Os pablistas foram expulsos do Partido. Guillermo Lora e “Masas” encarnaram o programa do Partido.

**Em 1971, ergueu-se o primeiro soviete da América**, seus documentos programáticos mais importantes, como os do comando político da COB, no ano anterior, foram preparados pela POR. Esse foi o ponto mais próximo da tomada do poder pela classe operária, frustrada pelo golpe militar de Banzer, como parte do Plano Condor. O pablismo estava à margem dessa experiência extraordinária, perdido em uma experiência foquista, que terminou em desastre total devido aos seus erros e à sua inexperiência. Já na década de 1960, o POR polemizou com Che Guevara e sua experiência na Bolívia. Polêmica concentrada na

obra “Revolução e Foquismo”, em que se revaloriza o método das guerrilhas e a política militar do proletariado.

**A luta internacionalista do POR** também se materializou no trabalho sobre a “Perestroika Contrarrevolucionária”, quando estava em seu auge; na caracterização da “inviabilidade da democracia burguesa” e também do castrismo em seus primórdios. O POR interveio ativamente na construção do CERQUI nas últimas três décadas como pilar para a reconstrução da IV Internacional e, antes disso, da TQI e do CORQUI. Sempre sustentou que cada seção da Quarta Internacional deveria ter seu programa, sem copiar o programa de outra, pois as realidades nacionais podem ser diferentes.

**Toda a experiência do POR está documentada nos 70 volumes das Obras Completas de Guillermo Lora.**

Javo Ferreyra, da LOR (PTS Argentina), fez parte da Mesa sobre os 90 anos do POR e relançou irresponsavelmente a provocação de que o POR participou de um suposto golpe contra Evo Morales em 2019, que “custou tantas mortes”. Trata-se da mesma posição do MAS e dos seus aliados peronistas na Argentina, que é de se vitimizar, para esconder que houve uma rebelião popular contra seu governo e que suas bases não o defenderam. Pediu-se que os chefes militares do MAS gentilmente “solicitassem” sua renúncia e fuga. A direita ocupou o espaço vazio com Añez (vice-presidente do Senado, que assumiu a presidência naquela semana) e o fascista Camacho, que desencadearam imediatamente a violenta repressão ao movimento popular, com o discurso racista e a queima de uma Wiphala. Ferreyra não explicou qual era sua posição sobre a convocação dos Comitês Cívicos do Sul e da Caravana que marchou para La Paz. Podemos pensar que apoiava Evo Morales e o MAS contra a rebelião popular das semanas anteriores. Seria coerente com o apoio a Hadad/Lula eleitoralmente no Brasil, ou Boric no Chile, ou recusar-se a chamar a não votar no Massa

na Argentina etc., negando-se a sustentar uma política de independência de classe diante do nacional-reformismo. As falsificações e mentiras da LOR foi uma tentativa de desnaturalizar a discussão.

O camarada brasileiro do CERQUI questionou a alegação de que queda da URSS teria sido progressiva feita por um dos morenistas participantes, apontando que foi a pior derrota da classe operária internacional. Também se debateu acerca de qual deveria ser a política, a estratégia, da classe operária diante da questão palestina, para intervir nas mobilizações e ações de solidariedade, não confundindo nossas bandeiras com as correntes que levam à impotência e à derrota da luta do povo palestino.

Em várias ocasiões também falamos sobre a necessidade de reconstruir a Quarta Internacional com base no Programa, sobre princípios, fazendo um balanço do desastre causado pelas diferentes correntes revisionistas, contando com a experiência percorrida pela Terceira Internacional. Essa tarefa não pode ser substituída agrupando correntes que se reivindicam do internacionalismo. A resolução da crise de direção passa por essa questão essencial, caso contrário pode-se cair no oportunismo, uma rota de fuga para evitar a tarefa central. É o mesmo caminho para a construção do partido revolucionário em cada seção: deve-se abordar a elaboração do programa que defina com a maior precisão quais são as tarefas, qual é a política para que os comunistas conquistem a maioria dos oprimidos para a estratégia revolucionária, derrotando as políticas de unidade nacional, frente populistas ou etapistas.

O IV Encontro Leon Trotsky nos deixou, como saldo positivo, a aproximação fraternal ao debate com outras correntes e camaradas que participaram da atividade e que queriam saber mais sobre as posições do POR. Com essa atitude, participaremos do V Encontro que será realizada no próximo ano no Rio de Janeiro.

## Pronunciamento do POR-Bolívia

### A Crise de direção e a contribuição dos 90 anos de luta do POR boliviano

1. Os 90 anos de experiência do POR boliviano, no esforço para tornar a revolução proletária uma realidade, se ergue como referência necessária à discussão sobre como avançar na solução do problema da crise de direção revolucionária em escala internacional e nacional. Essa não é uma afirmação alegórica, mas uma síntese de acertos e erros, que levou o POR a entender o que significa dar forma política ao instinto comunista do proletariado na perspectiva de transformá-lo em direção da rebelião da nação oprimida contra a opressão e exploração capitalista-imperialista. Isso significa estruturar a classe proletária como uma classe, ou seja, como um partido político revolucionário, em torno a um programa que pressupõe o conhecimento da realidade (as particularidades nacionais) que se pretende transformar e a assimilação

crítica da luta comunista instintiva do proletariado, focada na síntese programática que define e molda o partido. Essa tarefa, de penetrar para dar forma política ao instinto comunista do proletariado, nos vincula à luta internacional da classe operária, sejamos conscientes disso ou não, porque o proletariado em todas as nações oprimidas é criação da forma peculiar da penetração capitalista no país.

2. - Os poristas bolivianos - falamos das “leis da revolução boliviana”-, para expressar nossa experiência na luta pela transformação da classe e do país, procuraram descobrir as relações internas e necessárias que definem o desenvolvimento da realidade nacional, as relações econômicas para dentro e para fora do país e a mecânica de classe delas derivadas, e a partir desse trabalho alcançar a real possibilidade da re-



volação proletária, que surge como necessidade para acabar com o atraso, a fome, a pobreza e a exploração do homem pelo homem. Verificamos como a presença do instinto comunista do proletariado estruturado como classe marca a possibilidade de uma diferença histórica fundamental para as projeções da luta das massas pelo cumprimento das tarefas democráticas pendentes de realização. É a transformação da luta pelas tarefas democráticas burguesas pendentes em luta pelo socialismo. Não como duas etapas separadas, mas como um único processo derivado da realidade econômica e social do país. Essa possibilidade pode tornar-se realidade sob a condição de organizar a classe em partido operário revolucionário.

Na verdade, é a forma como as leis gerais do capitalismo foram concretizadas em um contexto geográfico, histórico e cultural particular, e constituíram um país capitalista atrasado com uma economia combinada, integrada à economia mundial. Podemos dizer que é a forma nacional das leis gerais do capitalismo mundial. Nossa experiência nos permitiu compreender o profundo significado desta afirmação de Trotsky de que, em nossa época, a revolução proletária é nacional por sua forma e internacional, por seu conteúdo. Não se pode pensar em dirigir a revolução em um país sem esse conhecimento e contando apenas com as declarações gerais do método marxista, do Manifesto Comunista ou do Programa de Transição de Trotsky.

3. O desenvolvimento programático foi resultado da intervenção dos militantes no seio da classe operária e das massas oprimidas, buscando fortalecer a vanguarda organizada do proletariado como direção da classe em geral e da nação oprimida.

O desenvolvimento programático do partido, seu enraizamento nas massas operárias e exploradas do campo e da cidade, foi projetado para outras classes sociais cujas camadas de vanguarda são conquistadas para a estratégia revolucionária e trabalham para tornar realidade a aliança entre operários, camponeses e classes médias empobrecidas, uma tática fundamental para avançar rumo à revolução proletária e ao estabelecimento do governo operário-camponês (ditadura do proletariado), que promoverá a

luta pelos Estados Unidos Socialistas da América Latina. Esta aproximação não pode ser baseada na repetição de generalidades programáticas. O partido se encontrou diante da necessidade de conhecer as particularidades de cada setor e desenvolver uma resposta programática do ponto de vista dos interesses históricos do proletariado.

A aplicação do método marxista ao conhecimento das particularidades nacionais tornou possível orientar a superação do ciclo nacionalista burguês inaugurado pelo MNR em 1952, a crítica ao foquismo, o esclarecimento da posição revolucionária diante da opressão das nações camponesas indígenas originárias e a superação da experiência da impostura do indigenismo pós-moderno do MAS já no poder, desenvolver a política militar do proletariado para enfrentar a solução do problema do armamento das massas, não apenas por meio da organização de piquetes armados de autodefesa, que foram as milícias armadas que surgiram em 1952 e ressurgiram em todos os conflitos sociais importantes, especialmente entre os mineiros, mas também demonstrando que é possível desenvolver uma tendência revolucionária dentro das forças armadas, apoiada na parte mais saudável, honesta e comprometida com a nação, da oficialidade jovem, entre os suboficiais e nas tropas, desenvolver uma resposta revolucionária à crise da educação e da reforma universitária etc.

À medida que a crise de direção se acentua como consequência do fracasso do centrismo oportunista, convertido em partidos eleitoreiros, democratizantes e reformistas, a assimilação crítica da experiência do POR boliviano adquire maior importância como material essencial à tarefa de reconstruir o partido mundial da revolução socialista, ainda mais quando, nas jovens seções nacionais, os militantes avançam na penetração no interior do proletário e nas massas de seu país.

Cochabamba, 1º de novembro de 2025

**Ariel Román**

Dirigente da seção CERQUI do POR boliviano  
(Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional)

## Pronunciamento do POR-Argentina

### 90 anos do Partido Operário Revolucionário da Bolívia

***A principal contribuição do POR boliviano é a elaboração do programa da revolução na Bolívia, como parte da revolução socialista internacional.***

Desde sua origem, destacou o caráter proletário da revolução na Bolívia, caracterizada como um país atrasado de economia combinada, semicolônia do imperialismo. O POR boliviano formulou a estratégia da revolução e ditadura do proletariado, da luta por uma sociedade sem classes, o comunismo. Essa estratégia definiu as táticas da classe operária e as respostas a todos os problemas sob a perspectiva da classe operária.

São 90 anos de história com uma linha de intervenção baseada no Programa de Transição, seu método e sua estratégia. Construindo o programa da revolução proletária na Bolívia, respondendo aos principais problemas nacionais e sociais. Respondendo aos principais problemas da luta de classes internacional. Colocando em prática a concepção de que **o partido é o programa**. Respondeu à questão camponesa e indígena, à autodeterminação nacional, à coca e à cocaína, à história das forças armadas, à sua caracterização, ao trabalho dentro delas, à educação, ao controle operário coletivo, à universidade, ao foquismo

e à revalorização do método das guerrilhas, à imposição do indigenismo do MAS, ao papel histórico que caberia ao Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR); mostrou como os revolucionários intervêm no parlamento burguês, e como lutaram para estabelecer o primeiro soviete na América Latina: a Assembleia Popular etc.

Antes de derrotar fisicamente a burguesia, se deve derrotá-la politicamente, mostrando que é incapaz de resolver as tarefas democráticas e nacionais e que essas tarefas serão resolvidas pela classe operária no poder, imprimindo seu próprio selo.

As seções nacionais da Quarta Internacional devem ter um programa que indique como será a revolução em seu país como parte da revolução internacional. Um programa que é ajustado à medida que o partido intervém mais profundamente na luta de classes e conhece melhor a realidade que deve transformar.

O POR boliviano apontou insistentemente que o programa, a ideia, é voltado a transformar a classe de instintiva em classe consciente. Que esse programa deve ser traduzido em organização, tornar-se força material, penetrar na classe e se expressar organizacionalmente nas células de militantes que atuam

nas frentes de massa, priorizando o trabalho junto ao proletariado industrial. Caso contrário, continuará sendo apenas uma tendência, não se materializará. Ao penetrar nas massas, o partido, por sua vez, é transformado, e o programa é ajustado e aperfeiçoado, o que é uma tarefa permanente. Para os internacionalistas, é o ponto de partida para a construção de partidos em qualquer país. O internacionalismo não deve ser uma reivindicação formal, deve implicar o funcionamento organizado do partido mundial, por mais embrionário que este seja. Trata-se de um partido único, centralizado internacionalmente.

O abandono do programa é a causa fundamental da degeneração política e da destruição organizacional do Partido Mundial da Revolução Socialista e dos partidos nacionais que o compõem.

Os 70 volumes das Obras Completas de G. Lora registram a intervenção viva do Partido. Tudo está escrito, tudo está documentado. Um verdadeiro partido de publicistas.

### **Ramón Basko**

Dirigente do POR argentino, seção do CERQUI (Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional)

## **Pronunciamento do POR/Brasil**

### **Pela reconstrução da Quarta Internacional**

***“Em todos os países, o proletariado está envolvido por uma angústia profunda. Massas de milhões de homens lançam-se sem cessar no caminho da revolução. Mas, a cada vez, chocam-se com seus próprios aparatos burocráticos conservadores” (Trotsky).***

Muito mais do que em 1938, a frustração do proletariado e das massas exploradas é dramática, pois o bloqueio pelos seus “próprios aparatos burocráticos” atingiu um nível intolável, condenando milhões de pessoas exploradas no planeta a um papel passivo, enquanto se desenvolvem processos que podem levar à destruição do mundo. A crise da direção revolucionária do proletariado é muito mais grave hoje.

Justamente por essa razão, a resposta de Trotsky e da Oposição de Esquerda permanece válida: a crise de direção do proletariado só pode ser resolvida construindo a Quarta Internacional com base no Programa de Transição. Sem o Partido Mundial da Revolução Socialista, o proletariado não poderá intervir decisivamente na crise mundial do capitalismo.

Às traições históricas da socialdemocracia e do estalinismo – que dissolveu a III Internacional para agradar aos aliados da União Soviética durante a Segunda Guerra Mundial e inaugurar a “coexistência pacífica” com o imperialismo – juntou-se o fracasso dos fragmentos remanescentes da Quarta Internacional em estruturar o Partido Mundial da Revolução Socialista. Mas, esse fracasso não anulou a necessidade histórica do proletariado de contar com seu Estado-Maior para alcançar sua emancipação das correntes do capitalismo. O fracasso de todos os atalhos e des-

vios propostos e tentados desde 1951 reforça a necessidade de reconstruir a Quarta Internacional com base no Programa de Transição.

### **Por que a CERQUI defende a reconstrução da Quarta Internacional?**

- Partimos do diagnóstico formulado por Leon Trotsky: “A situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica da direção do proletariado.” [Idem].
- Esse foi o diagnóstico formulado por Trotsky – na década de 1930 – diante da traição, não apenas do estalinismo, mas também da passagem da socialdemocracia para o campo imperialista e da completa falência do anarquismo. Daquela época até hoje, a degeneração dessas correntes piorou.
- O estalinismo dissolveu a Terceira Internacional — após substituí-la programaticamente — a experiência mais desenvolvida de constituir o Partido Mundial da Revolução Socialista, a materialização do internacionalismo proletário já formulado no Manifesto do Partido Comunista por Marx e Engels.
- A resposta dada pela Oposição de Esquerda, liderada por Trotsky, foi a da constituição da Quarta Internacional como continuação do bolchevismo



revolucionário [leninismo], materializado na Revolução Russa de 1917 e na construção da Terceira Internacional durante seus Quatro Primeiros Congressos.

- O fracasso da constituição da Quarta Internacional, sua fragmentação em centenas de pequenos grupos e seu distanciamento das massas trabalhadoras e oprimidas **NÃO ELIMINARAM A TAREFA**, porque sem um Partido Mundial da Revolução Socialista [a Quarta Internacional] não é possível imaginar superação da atual ordem putrefata e da barbárie capitalista contemporânea.
- O quadro de agravamento e polarização da luta de classes que caracteriza a situação objetiva da crise mundial (guerras, escalada militarista, confrontos comerciais, desemprego, fome, greves nacionais, etc.) faz emergir o programa da revolução social, torna o programa da revolução proletária e da ditadura mais visível, pois aparece como a única saída progressiva à barbárie capitalista. As condições objetivas para enfrentar a crise de direção favorecem a vanguarda revolucionária.

### Quais condições a CERQUI defende para a reconstrução da Quarta Internacional?

- A defesa do Programa de Transição **SEM QUALQUER REVISÃO**, seu método e suas conclusões.
- A “tradução” desse programa para a realidade de cada país. A defesa formal do Programa de Transição, do Manifesto do Partido Comunista ou das resoluções dos Quatro Primeiros Congressos da Internacional Comunista não é suficiente. É necessário aplicar essas conquistas programáticas às realidades nacionais que, embora determinadas pelas leis gerais do capitalismo em nível mun-

dial, necessariamente possuem particularidades que os programas nacionais devem responder: formação social e histórica; classes sociais e suas manifestações políticas; mecânica de classe; as tarefas que resultam dessa caracterização, etc.

- A construção dos programas nacionais implica necessariamente uma intervenção concreta na luta de classes de cada país, pois somente nessa intervenção será possível verificar a correção ou incorreção das caracterizações programáticas e sua retificação. “O programa é, ou melhor, deve ser, o critério mais importante. Este critério será mais preciso na medida em que cada grupo, independentemente das forças que tenha atualmente, seja capaz de tirar conclusões políticas corretas das lutas atuais. Refiro-me, em primeiro lugar, ao programa nacional. Pois se a Oposição não intervir constantemente na vida do proletariado e na vida do país, ela se tornará inexoravelmente uma seita estéril.” [Trotsky, As Tarefas da Oposição em Escritos, março de 1929]
- A crítica ao estalinismo e sua responsabilidade pela liquidação da União Soviética – a maior derrota sofrida até hoje pelo proletariado – e a restauração capitalista nos países que iniciaram a transição para o socialismo.
- Por essa razão, a reconstrução da Quarta Internacional implica a estruturação dos **PARTIDOS PROGRAMA** em cada país. Não será resultado de articulações superestruturais internacionais, mas do vínculo efetivo com o proletariado e com a luta de classes em cada país.

### Clovis Gonçalves

Pelo POR brasileiro seção do CERQUI (Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional)

**R\$ 35**

**ADQUIRA COM NOSSO DISTRIBUIDOR**

**PÔR EM PÉ O PARTIDO MUNDIAL DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA**  
RECONSTRUIR A IV INTERNACIONAL

A CLASSE OPERÁRIA ESTÁ DIANTE DA TAREFA DE SUPERAR A CRISE DE DIREÇÃO REVOLUCIONÁRIA. VIVA OS 80 ANOS DA IV INTERNACIONAL!

Milite no POR, um partido de quadros marxista-leninista-trotskyista. Discuta nosso programa.  
nossa.classe@hotmail.com - pormassas.org - @massas.por - anchor.fm/por-massas - (11) 95446-2020

